

LINGUASAGEM

UNIVERSIDADE E EXTENSÃO: SOBRE FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

Margareth Martins de ARAÚJO¹

Resumo

O artigo em tela tem por objetivo socializar reflexões acerca da centralidade das ações extensionistas para pensar a universidade em suas múltiplas e complexas demandas, tendo a Pedagogia Social como referencial teórico e marco formador de nossas ações. Realizamos reflexões acerca do papel da extensão como força motriz, para o ensino e pesquisa, a partir do trabalho realizado no curso de Extensão de Pedagogia Social para o Século XXI, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense, compreendendo com Freire (1996), que o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, nas relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações. Assim ocorre com o curso realizado.

Palavras-chave: Educação, Pedagogia social, Formação do Educador Social, Altruísmo.

Abstract:

The article in question aims to socialize reflections about the centrality of extension actions to think about the university in its multiple and complex demands, having Social Pedagogy as a theoretical reference and a formative framework of our actions. We made reflections about the role of extension as a driving force, for teaching and research, based on the work carried out in the Social Pedagogy Extension course for the 21st Century, at the Faculty of Education, at Universidade Federal Fluminense, comprising with Freire (1996), that knowledge is constituted in human-world relationships, in transformation relationships, and is perfected in the critical problematization of these relationships. So it is with the course taken.

Keywords: Education; Social Pedagogy; Social Educator Training; Altruism.

O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julgam não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações.

Paulo Freire.

¹ Coordenadora do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Pedagogia Social da FEUFF (PIPAS-UFF). Coordenadora do Curso de Extensão e de Especialização em Pedagogia Social. Professora SSE e PPGE – FEUFF. E-mail: leonardoalonso@id.uff.br.



Imagens 1 e 2²

Quem somos e o que fazemos

Se existe, na história da universidade brasileira, uma área que se preocupou em manter vínculos com a sociedade é, certamente, a extensão, mesmo tendo enfrentado enormes resistências face ao elitismo que marca a educação brasileira.

Ana Luiza Lima Sousa

Fazemos parte do Projeto PIPAS-UFF. Somos responsáveis pela formação inicial e permanente e educadores sociais, em **nosso DNA científico**³, há mais de duas décadas. Trata-se de uma formação teórico-prática, com a qual nos movemos no mundo, imprimindo nosso fazer na vida das pessoas e em nossas vidas também. Impactamos positivamente realidade e contextos de exclusão visando à superação humana. Atuamos em contextos de emergências, ultrapassando barreiras, atingindo metas e conquistando

² Arquivo do PIPAS-UFF.

³ Nosso vínculo com a Pedagogia social existe desde a infância, por ser criada em um lar fraterno que promovia e promove ajuda humanitária. Profissionalmente falando ocorre na década de 70 ao ingressar na Rede Estadual de Ensino e trabalhar com 120 crianças e suas famílias em contexto de emergências ao redor da Refinaria de Duque de Caxias. Esses foram as matrizes formadoras acrescidas da teoria estudada ao longo da vida, fora e dentro das universidades. Na Pedagogia Social a formação se dá em serviço ao sermos um com eles.

poder. Durante a pandemia, junto com os pesquisadores extensionistas, demos continuidade ao trabalho já realizado e acrescentamos algumas atividades. Por sermos uma ciência social em pleno confinamento, por resistência e coerência mantivemos o nosso vínculo social exercendo uma pedagogia à serviço da vida e em prol da humanidade.

A expansão do vínculo com a sociedade se dá a cada ano e vemos sentido, para nossa ação dentro da universidade, por considerar a Extensão como importante retorno dado pela universidade às demandas oriundas da sociedade. E também pelo valoroso espaço de formação para o Grupo de Pesquisa que, desfruta da partilha do conhecimento produzido na prática pelos **intelectuais orgânicos**⁴ com os quais trabalhamos.

Estabelecemos um diálogo interativo entre teoria e prática, capturando a essência dessa unidade formadora e transgressora, ao equacionar, em nossas ações, a cisão existente entre trabalho manual e trabalho intelectual. Assim, o fazemos por respeitar e considerar os saberes da experiência, seus atores e autores. Para nós, a cisão entre teoria e prática pouco ajuda na emancipação dos excluídos para os quais e com os quais trabalhamos. É ali que o fazer e o pensar se misturam entre cursistas e conferencistas como em um caleidoscópio de novas e permanentes configurações na busca outras formas de lidar com o conhecimento. Um desafio!

Por que pedagogia social?

A amorosidade de que falo, o sonho pelo qual brigo e para cuja realização me preparo permanentemente, exigem de mim, na minha experiência social, outra qualidade: a coragem de lutar ao lado da coragem de amar.

Paulo Freire

A Pedagogia Social é um componente da Pedagogia que se responsabiliza diretamente com a inclusão das crianças em situação de vulnerabilidade social no universo escolar. Quanto mais a população de um país é entregue a própria sorte, maior se faz a necessidade da pedagogia Social, que se traduz em um fazer pedagógico voltado para a realidade das crianças e adolescentes expostos a todo o tipo de dificuldades oriundas de uma educação direcionada para um público com valores e necessidades bem diferentes. Dificuldades estas que não abrangem apenas o âmbito educacional como

⁴ Em Gramsci, o intelectual orgânico é aquele que provém de sua classe social de origem e a ela mantém-se vinculado ao atuar como porta-voz da ideologia e interesse de classe.

também o social, o político e o afetivo, por exemplo. Ao abraçarmos a Pedagogia Social como tema de trabalho, como foco do nosso interesse, como questão reflexiva, o fizemos por perceber o quanto precisamos aprender com os sujeitos do flagelo social brasileiro para com eles trabalhar. São milhões de crianças e jovens que não se vêm contemplados no cotidiano das escolas, que se sentem alijados de um processo do qual seus próprios pais e avós, quem sabe, também o foram e, por mais que possa parecer uma “questão hereditária”, trata-se de um processo histórico de exclusão que, ao longo dos anos, transforma em marginais seres humanos capazes, competentes e brilhantes.

Muito pouco ou quase nada do que aprendi me auxilia para com eles lidar. É preciso me formar, me alfabetizar em uma nova forma de ser e estar professora para construir um novo sentido para o magistério por mim exercido. Penso existir em algum lugar professores que comunguem com minhas ideias e é para eles e com eles que abrimos um espaço de trabalho como este. As questões investigativas são construídas, principalmente, na dor, no calor do exercício de um fazer que se impõe a cada dia, a cada hora. Não diferente, suas respostas são oriundas do amor, do compromisso forjados a ferro e fogo no cadinho da existência humana. Apenas um professor capaz de enxergar-se em seus alunos, será capaz de ao resgatá-los do processo de indignância educacional em que se encontram resgatar-se também.

Ouso afirmar a existência de um tripé que se constitui em um desafio permanente para o Educador Social: **o primeiro** pilar é o da **construção de sua própria identidade**. Uma identidade que só faz sentido atrelado ao outro; ou seja, ao aluno. **O segundo** o da **aceitação**, é preciso aceitar seu aluno como ele é, com suas histórias e memórias, com seus textos e contextos de emergências. É possível afirmar que o processo de aceitação do outro passa, principalmente, pela própria aceitação, caso contrário, não passará de mero discurso representado por palavras soltas ao vento. Falamos, portanto, de testemunho vivo de um fazer capaz de por em diálogo o binômio teórico- prático, invocando permanentemente a questão da coerência, o que nos é bastante desafiador. E finalmente, porém não menos importante, **o terceiro** pilar é o da **responsabilidade**. Para além de se identificar com os educandos e neles se reconhecer e, aceitá- los em sua legitimidade, o Educador Social precisa responsabilizar-se por eles. Responsabilizar-se a tal ponto por seu fazer pedagógico que será impensável não incluir o sucesso dos educandos no rol do seu próprio sucesso. Falamos, portanto, de uma relação de pertencimento capaz de compreender educador e educando como partes integrantes de

uma mesma realidade, não fazendo mais sentido a existência de um sem o outro.

É Freire a sinalizar o caminho com sonhos a serem sonhados e vividos. É ele a nos desafiar na construção de uma ciência que corajosa e aguerrida que seja capaz de unir a coragem de lutar à coragem de amar; promovendo a produção de uma sociedade mais justa, humana e fraterna, na qual será possível pensar o homem em sua complexidade, de forma respeitosa e ética. Ao unir a capacidade de lutar à de amar, produziremos em nós e imprimiremos na sociedade matizes científicos transcendentais, capazes de ultrapassar romper com as barreiras acadêmicas reprodutoras e imprimir, de forma indelével na sociedade, outras possibilidades de vida e produção de ciência.

Uma ciência tóxica é produtora de cientistas tóxicos com ingerência ácida sobre a sociedade. Este fato, apesar de grave, é muito elucidativo, pois nos permite vislumbrar o modelo de sociedade, de homem e de mundo para o qual trabalham. Não há como apartar o ser humano produtor de ciência, da matriz formadora a que serve. Cientistas ácidos por se pensarem neutros, matam em nome da ciência ao enxergar o ser humano apenas na sua aparência, abrindo mão da essência. A ciência que mata as pessoas em seu nome, não pode ser uma ciência social. Sempre será um fazer científico frio, premeditado, excludente e desumanizado. Eis um tipo de reflexão que cabe para todas as ciências, independente da área de ação. Entendemos ser pano de fundo dessa reflexão o paradigma que a rege.

A extensão universitária nasce fortemente marcada pela prestação de serviço científico à sociedade. Ela abre portas acadêmicas ao cidadão, a partir do tunelamento científico, produzidos pelas ações extensionista. É uma resposta imediata aos apelos sociais, encurta o distanciamento existente entre a universidade e a sociedade, além de fortalecer e oxigenar a ciência produzida pelos pesquisadores extensionista. Ao dialogar com a sapiência, a ciência produzida na extensão traz consigo a marca da superação de antigos modelos de produção científica.

Entre a sapiência e a ciência habitam as ações extensionistas que, com equilíbrio quântico, abordam a sociedade de forma íntegra, ética e humana. Trata-se da realização concreta, em tempo real, da sociedade que queremos. Uma sociedade pautada pela comunhão entre os homens, pela justiça social e pela paz mundial. Só os cientistas tocados pelo flagelo humano, serão capazes de ousar promover ações extensionistas como respostas plausíveis aos apelos sociais. Compreendem o sentido e a força existentes na pesquisa-ação de extensão e produzem impactos positivos na vida cotidiana dos seres. É exatamente por este motivo que produzimos a Pedagogia Social a

serviço da vida e em prol da humanidade. Ela nutre a nossa existência na instituição, resgata nossas vidas enquanto pesquisadores e estabelece pactos de restauração humana e instaura poder.

Para nós da Pedagogia Social da FEUFF instaurar poder significa acessar a força do trabalho coletivo existente nas ações de extensão. Aqui não nos referimos a atual utilização do termo coletivo, que o polariza, radicaliza, expõe e destrói. A concepção de coletivo, qual a qual trabalhamos, agrega, fortalece, revigora, constrói. Com o movimento das ações extensionistas do projeto PIPAS-UFF constatamos o dito por Prigogine (1996): *a ciência é um empreendimento coletivo e como tal, feito por mãos humanas em comunhão*. Assim compreendemos a força da extensão. É uma força que humaniza a face da universidade e a torna acessível a todos e a cada um.

Instaurar poder também significa nos banhar nas águas da história real, feita por homens reais em pleno devir humano. Significa nos apartar da ilusão da superioridade acadêmica e nos lança ao patamar humano, aqui ilustrado por Carl Jung (2009): Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana. É um princípio desafiador, pois tira o intelectual da zona de conforto e o projeta diretamente para o front. Ali, de frente para a realidade da sociedade ele percebe ser apenas mais um entre os demais, reconfigura o seu papel na sociedade e se permite trabalhar com a diversidade humana.

A pedagogia do vírus não é apenas cruel, há algo mais a ser compreendido com tudo isso. O vírus que assola a humanidade embora invisível a olho nu, deixa nua a sociedade mundial que optou pela segregação, discriminação, conta bancária, cor da pele ou credo. Sim, agora é possível afirmar: O rei está nu. O vírus não respeita fronteiras e nenhuma forma de segregação e livre se espalha ao sabor do vento. Ele tem nos ensinado ser possível estar afastado, porém não isolado. Revelou-nos ser necessário olha para além do nosso próprio umbigo e nos desafiou a ser mais.

Momentos de extrema vulnerabilidade como esse, tocam a alma humana e revelam necessidade de uma saída coletiva. Esses são aprendizados que já nos vem sendo ensinados nas atividades de extensão. Eis uma incrível constatação. Ao optarmos por trabalhar com a diversidade avançamos em nossa humanidade. É um aprendizado que embora ocorra sobre os auspícios da universidade, seu conteúdo é da sociedade para esta; e não ao contrário. Diversidade humana explicita é um apelo para a produção de uma ciência que seja capaz de se responsabilizar por todos e por cada um. Precisamos dar esse salto e nos dirigirmos ao futuro ancorado em um saber-fazer composto de

ciência e sapiência.

Como o futuro é agora, basta olharmos ao redor para descobrirmos práticas extensionistas voltadas para valorização da vida humana e planetária. Práticas que apontam e apostam na cooperação como força motriz para atividades de superação das limitações humanas. Superação, ampliar os horizontes e coletividade, tudo voltado para a emancipação do homem. Neste momento recorro a Gilberto Gil em sua música Queremos saber: Queremos saber/ o que vão fazer com as novas invenções/ Na emancipação do homem/ Das grandes populações/ homens pobres das cidades/das estepes e dos sertões. Sim, queremos saber. É preciso saber. A cura para o vírus está prestes a existir. Há cabimento cobrar pela vacina? Apenas em um sistema capitalista selvagem faz sentido. E os homens pobres das cidades, adas estepes e dos sertões, não teriam direito à vida? Que tipo de ciência produzimos? A Serviço de quem estamos? Há consciência nesse modelo de ciência?

Esse vírus é mais uma chance que a humanidade está tendo, para se humanizar através de suas produções científicas, coletivas e plurais. É através dele que poderemos avançar na produção de uma ciência mais nobre, de valores pautados para o bem comum. O vírus não encontra fronteiras e a humanidade precisa fazer exatamente o mesmo para enfrenta-lo com o mínimo de chance possível. Não é tarefa fácil, porém possível de realização. Quando o homem chama para si a responsabilidade de cuidar de si e do outro, começar perceber ser de extrema importância ousar se dirigir ao próximo mais próximo e vê-lo como um contínuo de si, parte de si, integrante da sua própria humanidade.

Ao produzirmos a Pedagogia Social o fazemos com a confiança de que poderá ser um espaço de formação de mão-dupla. Nesse sentido a universidade forma as pessoas e as pessoas formam a universidade. Eis a experiência que nos marca e transforma. Somos submetidos a altas temperaturas de múltiplas trocas de saberes e conhecimentos. Somos forjados no cadinho da ação social extensionista que, mais uma vez se compromete com a vida. Assim aprendemos a fazer extensão universitária, marcados pela certeza de que é possível responder de forma coerente e breve, questões oriundas da sociedade. Longe de ser o ideal, o que realizamos é a aplicação permanente do acolhimento, escuta, aceitação, e orientação. Composição básica para a realização da Pedagogia Social que fazemos. É com Freire no trecho do vídeo - O Educador da Liberdade- que continuamos nossas reflexões, pois no caso da Pedagogia Social, não se trata de caridade e sim de direito e justiça social: Sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as

gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.

Sobre sentidos, ações e epistemologia

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.
- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco –, mas pela curva do arco que estas formam.
Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta: Por que falar das pedras? Só o arco me interessa. Polo responde: - Sem pedras o arco não existe.
Italo Calvino, *As cidades invisíveis*

Assim como sem as pedras não existe o arco – nos termos do livro *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, sem a Extensão não existe Universidade. Ambas coabitam o mesmo espaço, e nos importa o que agrega-congrega, liga-religa, traduz-seduz, e a ação e a epistemologia, na busca permanente de inteligibilidade daquilo que nos rodeira.

Fazemos Extensão por compreender se tratar de um importante espaço formador, por estreitar laços com a comunidade, o que guarda coerência com a Pedagogia Social e por se traduzir em um manancial de pesquisa. Ali os temas brotam circular e ganham visibilidade no calor das demandas sociais. Eis um movimento que nos orienta, forma e transforma.

Como bússola a nos orientar, a Extensão se apresenta como um diálogo fértil, humano e solidário. Representa, acima de tudo, coerência. Pela Extensão somos desafiados a dar o próximo passo na busca da formação de sujeitos artesãos da própria obra, os quais são, ao mesmo tempo, sujeitos e processos de novas formas de lidar com o conhecimento.

Durante os últimos cinco anos, construímos uma metodologia de trabalho, na qual cada cursista, de posse dos aprendizados dos círculos de palestra, em diálogo com a expertise, individual, promove uma ação social que, gera impacto no espaço-tempo da vida cotidiana das pessoas e na sua própria formação. Trata-se de um movimento inspirado no saber-fazer de cada extensionista e no exercício do altruísmo, objetivando dirimir o fosso entre teoria e prática, em plena formação de pedagogos sociais. Eis a nossa marca!

Durante os últimos cinco anos, construímos uma metodologia de trabalho, na qual cada cursista, de posse dos aprendizados dos círculos de palestra, em diálogo com a expertise, individual, promove uma ação social que, gera impacto no espaço-tempo da vida cotidiana das pessoas e na sua própria formação. Trata-se de um movimento inspirado no saber-fazer de cada extensionista e no exercício do altruísmo, objetivando dirimir o fosso entre teoria e prática, em plena formação de pedagogos sociais. Eis a nossa marca!

O gráfico a seguir contém dados dos cursistas concluintes de 2015-2019:

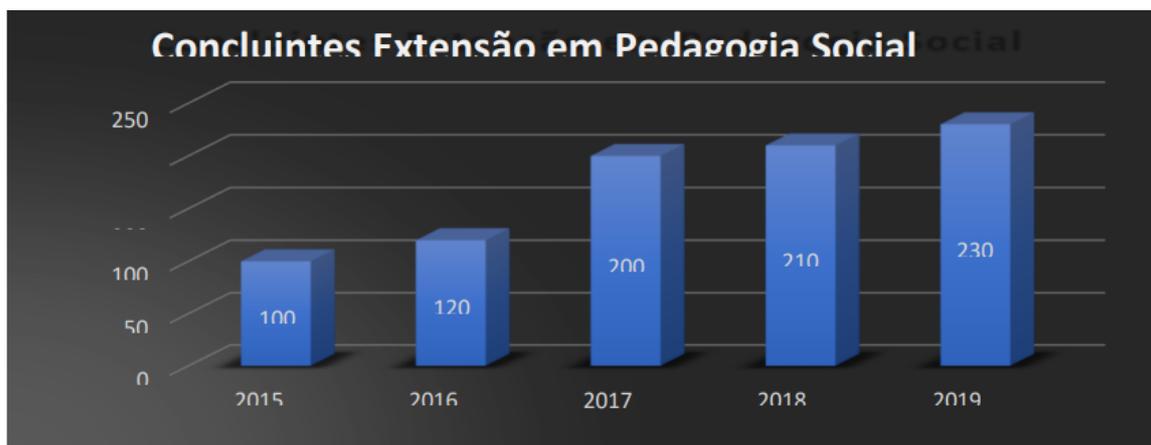


Gráfico 1 - Cursos de Extensão⁵

Se existe, na história da universidade brasileira, uma área que se preocupou em manter vínculos com a sociedade é, certamente, a extensão, mesmo tendo enfrentado enormes resistências face ao elitismo que marca a educação brasileira.

Ana Luiza Lima Sousa

Ser pesquisadora extensionista e coordenadora do curso de Extensão, em Pedagogia Social da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense é motivo de honra para mim. Ser um braço ativo da Universidade em meio à sociedade traz sentido à ciência que produzo. É um trabalho que se impõe por si mesmo, e trava uma luta permanente pela coerência entre o que falo e faço. É ali que testemunho a teoria produzida, ajuízo minha fala, fico vulnerável, por estar exposta, ao alcance, face-to-face com os cursistas, e com o rosto vulnerável da sociedade. Ali não há disfarces, não há portas de gabinetes a serem fechadas, e, muito menos, uma tela de computador em branco. Ali há seres humanos em busca formação que precisam e acima de tudo, têm

⁵ Fonte: Arquivos do Projeto PIPAS-UFF.

direito. Ali formo e sou formada. É motivo de honra para mim.

Importa ressaltar o crescente número de pessoas que dão continuidade aos estudos universitários após vivenciarem a extensão. É uma característica interessante constatar que a retomada dos estudos se faz a partir experienciado em cada encontro onde se potencializam para prosseguir. Isso muito nos alegra. Observem a fala de Paulo que parou de estudar no Ensino médio e, ao cursar a extensão comentou ao término:

Briguei com os estudos há dez anos. Fui viver a vida. Achei ser o fim da linha para mim. Agora estou aqui cheio de planos, ávido em prosseguir. Algo aconteceu comigo aqui. Vi que posso seguir adiante. Fiquei com gosto de quero mais. Tentarei o vestibular, vai dar para mim.

Paulo, 27 anos.

A história de Paulo é reveladora da quão grandiosa é a ação extensionista. Ela chega a recantos mais escondidos do ser. Desperta sonhos adormecidos por anos a fio, potencializa as pessoas que se descobrem capazes de desfrutar da universidade e se verem pertencentes a este lugar. As exigências da vida tiraram Paulo do caminho dos estudos. Fazer uma faculdade jamais passara por sua cabeça, porém ao realizar as atividades, aos tomar contado com aquele espaço se descobre capaz.

A experiência de Paulo é emblemática e carrega consigo a representação de um número, cada vez mais crescente, de pessoas que tiveram o sonho de estudar interrompido muitas vezes até fragilizado pela própria escola que através de seus rituais, exclui os estudantes e reforça a ideia de que o espaço da academia não é para eles. Reunir forças para retorna ao longo de uma década não foi possível, porém a imersão no curso de extensão fez com que pudessem tentar novamente, recomeçar. Recomeçar é uma característica humana que se percebe disponível após nossos cursos.

Recomeçar é o significado de cruzar os portões que levam ao campus. A arquitetura, os sons que se misturam, a vida que ali habita, a atmosfera existente fazem parte de um agradável convite para prosseguir e progredir. O trabalho de extensão tem a possibilidade de fazer com que as pessoas acessem partes adormecidas de suas vidas, é propulsor de novos horizontes, transforma vidas. Fonte de novas experiências. Para Larrosa (2002), experiência tem a ver com paixão, tem a ver com o que nos passa, nos sucede, nos forma e transforma.

Se a experiência tem a ver com o que nos passa é possível afirmar ter a ver

também com tudo aquilo que nos forma e transforma. Assim tem sido o retorno por parte dos extensionistas do projeto PIPAS-UFF. Nas avaliações realizadas ao final de cada ano são inúmeros os relatos das transformações vividas. Tudo o que ouvimos extrapola o planejado. O que ali acontece não cabe em uma folha de papel, extrapola qualquer objetivo e nos remete ao irrealizável.

Integrar o projeto de vida das pessoas é uma característica importantíssima do trabalho do professor, mas dessa feita passa pelo recomeço após o desvio de rota e ganha um matiz diferenciado, capaz de nos fazer perceber o quanto podemos fazer pela sociedade que pode desfrutar de um projeto de extensão. Penso que pode ocorrer com muitos projetos, pois é uma característica disponível na extensão, porém somos incapazes de perceber sua potência e abrangência, a não ser pelo relato da experiência dos cursistas. Ouvi-los, não apenas no final do curso, mas a cada encontro, aprendemos com eles e sobre eles sobre o próximo passo a ser dado. Cada encontro funciona como bússola a indicar sobre o próximo movimento a ser realizado. Dentro dessa perspectiva formadora, não estamos sozinhos. Universidade e sociedade caminham de mãos dadas construindo extensão sem fronteiras.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Educação e Política. *IN*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **O Educador Vida e Morte**. São Paulo, Graal, 1982.
- COELHO, Mônica Paranhos. **Jovens e cultura marginal**: do mínimo ao máximo – derrubando muros / Monica Paranhos Coelho – Curitiba: CRV, 2019. 186 p. (Coleção Pedagogia Social para Século XXI – v. I)
- CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis**. Companhia das Letras, Campinas, 2000.
- GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Formação da Cultura**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1982.
- JUNG, Gustav Carl. **O Livro Vermelho**. Editora Vozes, Petrópolis, 2009.
- LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência**. Universidade de Barcelona, 2002.
- MARTINS ARAÚJO, Margareth. **Pedagogia Social**: Diálogos com crianças trabalhadoras. São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2015.

MARTINS ARAÚJO, Margareth. **Pedagogia Social: Métodos, Teorias, Experiências, Sentidos e Criatividades** (organizadora) – Curitiba: 2019. 264 p. (Coleção Pedagogia Social para Século XXI, V I)

PASSOS, Jacy Marques. **Pedagogia Social: Teoria e prática do educador social e a expressão dos sentimentos nos abrigos e nas ruas.** Curitiba: CRV, 2019. 116 p. (Coleção Pedagogia Social para Século XXI – v. I)

PRIGOGINE, Ilya. **O Fim das Certezas.** Editora da UNESP, São Paulo, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** Edições Almedina S.A, Coimbra, 2020.

SILVA, Roberto da. **Pedagogia Social** volume X / Tomo I Roberto da Silva, João Clemente de Souza Neto, Maria Stela Santos Graciani (org). – 1 ed. São Paulo (SP) Expressão e Arte Editora, 2017. 352 p.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A História da Extensão Universitária.** Campinas, SP: Alínea, 2000.

Submetido em: 01/12/2020.

Aprovado em: 26/04/2021.

Como referenciar este artigo:

ARAÚJO, Margareth de Martins. Universidade e extensão: sobre formação e transformação. **revista Linguagem**, São Carlos, v. 40, n.01. 2021. p. 90-101.